

Valdir
até 16/7

DEPOIS DO JANTAR

Autor: BIRATÃ VIEIRA

PERSONAGENS: Um homem

Uma mulher

CENÁRIO: Uma cozinha. Uma pia de frente para o público, para que se veja a atriz de frente enquanto executa suas ações. À esquerda da pia um fogão e à direita uma mesa e duas cadeiras. Atrás um armário vazado onde serão guardadas louças, copos e panos de prato.

Quando o público entra, os atores já estão em cena estatuizados, com tênue luz sobre o cenário. Entra música e a luz vai subindo em resistência. Quando a música é cortada, os personagens começam a agir. A mulher lava a louça. O homem observa com o pano de prato nas mãos. Examina a mulher, larga o pano, vai até ela e roça-lhe a orelha com as costas da mão. A mulher interrompe sua ação, olhando-o:

MULHER - Que é que há? (olham-se)

HOMEM - (Tentando despistar seu desconcerto e parecendo o mais natural possível) Ué! Nada! É o que haveria de haver?

Mulher recomeça sua ação de lavar já no "Ué, nada" do homem, que pára e apanha o pano, dirigindo-se para os copos que ela está deixando escorrer sobre a pia. Começa a enxugá-los e a guardá-los no armário. Polindo um copo, sua expressão se altera. Ele pára, observa o copo, sorri histrionicamente e olha para a mulher:

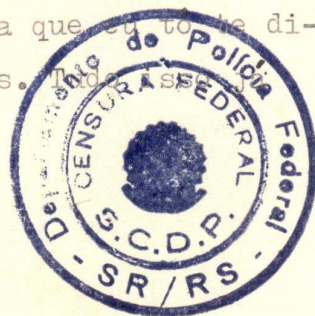
HOMEM - Só agora eu entendi. (Pausa)

MULHER - (Sem tirar os olhos do que está fazendo) O que que é?

HOMEM - Eu tava pensando... só agora eu entendi



- MULHER - Entendeu o quê?
- HOMEM - Aquele poema que eu gosto.
- MULHER - Hum.
- HOMEM - Há tanto tempo que eu venho pensando nele... Lembra, não é?
- MULHER - Qual?
- HOMEM - Aquele que fala do momento...
- MULHER - Do "já"?
- HOMEM - É!
- MULHER - E por que tu não diz ele?
- HOMEM - Hum?
- MULHER - Diz ele pra eu saber como é que é.
- HOMEM - É... Deixa ver... Começa assim:
"Eu vou tentar captar o instante já
que de tão fugitivo não é mais,
Porque tornou-se um novo instante.
Cada coisa tem um instante em que ela é.
Eu quero apossar-me do é da coisa.
Sei que tenho um pouco de medo,
um medo ainda de me entregar
pois o próximo instante é desconhecido."
(Pausa. Ele fica olhando para ela, esperando uma res-
posta.)
- MULHER - (Sentindo o olhar dele) Hum-hum. (Pausa)(Olha-o) E o
que foi que tu concluíste?
- HOMEM - É... É que quando tu entendes o já, o instante já...
Quando tu captas o já, ele já passou, entende?
- MULHER - Hum-hum... É, acho que sim. (Pausa)
- HOMEM - Pois é. Então fico pensando que quando me dou conta
de que o instante já já passou, esse momento que pen-
so que percebo, ele já era. E agora que eu te di-
zendo isso, tudo isso já não é mais. Tudo
passou.
- MULHER - É... (Pausa) É bem assim.



Agora, somente as ações terão lugar: secar-guardar por parte do homem e lavar-enxaguar por parte da mulher. O homem quebra o silencio.

HOMEM - Esse pano já está pra lá de molhado. (Ele sorri e olha para ela que, olhando-o, sacode lentamente a cabeça, concordando com uma ponta de ironia. Ele se dá conta, desconsertando-se quase imperceptivelmente) Vou pegar outro.

Homem larga o pano sobre o fogão e dirige-se para o armário. Tira de dentro um pano seco, volta à pia e recomeça a secar os copos. Desenvolvem suas ações até a quebra de um copo.

MULHER - (Levantando um copo quebrado da pia) Olha só!

HOMEM - O que é?

MULHER - (Mostrando o copo, levantando-o mais alto) Olha!

HOMEM - Quebraste?

MULHER - É, quebrou.

HOMEM - Ué, eu não ouvi nenhum barulho de vidro quebrando...

MULHER - Pois é! A água tava correndo pra dentro dele e, de repente, ele quebrou.

HOMEM - Que estranho!

MULHER - O que que é estranho?

HOMEM - O copo se quebrar sozinho.

MULHER - Esse já é o quarto copo que a gente quebra. (Coloca o copo sobre a pia e observa-o) Se eu fosse supersticiosa, eu diria que isso é um aviso.

HOMEM - Como é que é?

MULHER - Não, eu tava pensando em cima disso. (aponta o copo)

HOMEM - O que é que tem?

MULHER - É que se eu fosse supersticiosa, ia pensar que isso é um aviso. Mas como eu não sou...

HOMEM - Não?

MULHER - Quer dizer, eu acho que não sou...



- HOMEM - (Rindo) Mas isso não deixa de ser um aviso.
- MULHER - Por quê?
- HOMEM - Pelo menos nós já sabemos que o nosso estoque de copos tá acabando (rindo mais forte).
- MULHER - (Rindo) Claro, (rindo mais ainda) essa é que é a mensagem.
- HOMEM - (Examinando o copo quebrado, ri mais ainda) O estoque de copos está acabando.

Ambos estouram em gargalhadas, a ponto de abandonarem suas ações, movimentando-se pela cozinha. A mulher, sempre rindo, dirige-se à mesa e senta-se na cadeira da esquerda. O homem vem também rindo e senta-se à direita da mesa. Aos poucos vão acabando as risadas. Eles estão cansados. Vão silenciando. Pausa.

- MULHER - Essa noite eu sonhei de novo.
- HOMEM - Acho que tu anda dando muita importância aos teus sonhos.
- MULHER - Te contei o da noite passada, não é?
- HOMEM - Contou sim.
- MULHER - Lembra dele?
- HOMEM - Acho que sim. Que tu estás na margem do rio e da luz do outro lado?
- MULHER - É.
- HOMEM - É, contou sim.
- MULHER - Da outra vez eu sonhei que alguém me estendia a mão como se quisesse me puxar. Depois eu já estava na margem do rio. É escuro. Eu vejo a minha silhueta e a do homem que está com a mão no meu ombro. Ele sorri pra mim. As cores são muito bonitas. A água é de um azul-escuro e o céu está brilhante, sabe, aquela luz de depois do por-do-sol... Então eu vejo o homem.
- HOMEM - (interrompendo) Que te abraça?
- MULHER - Com a mão no meu ombro. A luz não é muito escura



entre a água e o céu. Eu não posso ver exatamente o que seja... um poste, uma janela, um farol... uma lanterna...

HOMEM - Um motel...

MULHER - Não, não é nada disso.

HOMEM - Não, eu só fico preocupado, porque se tu inventa de atravessar esse rio a nado, tu podes te afogar. (Ri)

MULHER - Pára com isso! (Pausa) Eu gostaria tanto que tu entendesse. Isso é muito importante pra mim.

HOMEM - (Segurando-lhe as mãos) Eu sei, eu sei, desculpa. (Encosta-se nela, acariciando-lhe o cabelo) Eu tava só brincando. Desculpa. (Pausa) Continua.

MULHER - Mas desta vez eu estava dentro de um barco ou de um navio que está em movimento.

HOMEM - E o homem está contigo?

MULHER - Hum-hum. Ele também está lá.

HOMEM - (Acariciando-a) Abraçados?

MULHER - Não, claro que não.

HOMEM - Ele... é alguém que eu conheço? (acariciando-a mais sensualmente)

MULHER - (Segurando a mão dele que percorre seu corpo) Não, eu não sei quem ele é. Acho que nunca o vi. Eu só vejo aquela grade, como é mesmo o nome daquilo?

HOMEM - Não sei.

MULHER - Balaustrada. É, então tem a balaustrada, a água, aquela faixa escura atrás e a luz que é a mesma. (O homem passa as mãos no corpo da mulher ainda mais excitado. Ela levanta-se, vai até a pia, abre a torneira e torna a fechá-la. Pausa) Eu acho que sempre tenho pensado na luz lá do outro lado. É como se ela sempre estivesse lá. Me esperando. E, agora, tenho certeza de que vou chegar no outro lado. Mas eu tenho esquecido que é preciso estar tranquila. Tranquila enquan



to estou atravessando.

- HOMEM - Acho que vou fazer um café. Queres?
- MULHER - (Encarando-o) O que eu quero dizer é que eu tô vivendo enquanto não chego lá, Entende?
- HOMEM - Tu queres?
- MULHER - O que?
- HOMEM - Um café?
- MULHER - Hum-hum.
- HOMEM - Então eu vou fazer!
- MULHER - Faz. Vai ser bom tomar o teu café.
- HOMEM - (procurando no armário) Onde é que está o café?
- MULHER - Deve estar no armário.
- HOMEM - Não, aqui não está.
- MULHER - Deve estar. Aí é que é o lugar dele.
- HOMEM - Mas não está.
- MULHER - Pois é. Se a gente não guarda as coisas nos seus lugares, depois não se acha nada.
- HOMEM - Eu não sei, mas acho que sempre guardo as coisas nos seus lugares.
- MULHER - É, tu sempre guarda as coisas nos lugares. Mas é assim, acaba sempre eu tendo que procurar tudo.
- HOMEM - Tá bem, tá bem. Também não precisa toda hora me cobrar as coisas erradas que acontecem.
- MULHER - Claro, tu sempre tens razão e nunca faz nada errado. Vê embaixo da pia.
- HOMEM - (Olha embaixo da pia. Encontra o café. Mostrando-o) Já achei, tá aqui.
- MULHER - Eu não gosto de te reclamar as coisas toda hora. Mas também eu fico cansada de tá sempre te botando tudo nas mãos. Sabe, não é por mal. É que me cansa, entende?
- HOMEM - Tá, tudo bem. Eu sei.
- MULHER - É, tu sempre sabes de tudo.
- HOMEM - Pôrra, será que tu precisa tá sempre reclamando nes-



ma tecla?

MULHER - Eu estou ficando cansada disso tudo.

HOMEM - Tu já falaste isso uma porção de vezes.

MULHER - Pois se tu sabes, por que tu não procura fazer as coisas de outra maneira? Puxa vida, é nas mínimas coisas. Eu toda hora tenho que estar reclamando!

HOMEM - Vamos parar? Olha, eu também tenho muita coisa pra reclamar. (Pausa) Acho que tu anda muito nervosa, sabe? (Acariciando-a) Que que há? Hein?

MULHER - Não sei. (Ele a olha longamente, ela fica em silencio) Desculpa. (Ele começa a acariciá-la mais sensualmente) Pára. Vai fazer o café.

(Ele pára, olha-a e dirige-se para a pia. Pausa)

MULHER - Agora eu sei porque o teu café sempre tem borra.

HOMEM - Não entendi.

MULHER - Agora eu sei porque o teu café às vezes tem borra.

HOMEM - Por quê?

MULHER - É porque tu viras o coador e a borra escorre entre o papel e o coador.

HOMEM - Tu nunca tinhas me dito isso antes. Eu sempre pensei que tu gostavas do meu café.

MULHER - Mas eu gosto.

HOMEM - Eu senti isso como uma crítica.

MULHER - Isso é só uma observação, nada mais. (Ele baixa a cabeça. Ela vai até ele e o abraça pelas costas) Deixa de ser bobo, eu gosto do teu cafezinho.

HOMEM - (Tirando o coador do bule e levando-o até a pia) Tá pronto. Vamos tomar?

MULHER - Vamos. (Ambos vão para a mesa)

HOMEM - (Servindo-se) Acho que ficou um pouco fraco.

MULHER - Mas o cheiro está bom.

HOMEM - (Fuxando a xícara dela) Muito bom.

MULHER - Pois é. Eu acho que não vou querer mais.



HOMEM - Não?

MULHER - Não. Tu não te importa, né?

HOMEM - Não.

MULHER - Depois eu tomo. Não sei, mas agora não estou com vontade.

HOMEM - Tudo bem. (Senta-se, serve-se de açúcar e toma o café. Pausa)

MULHER - Tá bom?

HOMEM - Tá. Tá bem gostoso.

MULHER - (Pausa. Levantando, pegando a xícara e indo guardá-la no armário) Deixa eu terminar de arrumar isso, es tou me sentinso cansada. (Para ele) Acho bom a gente ir dormir logo, não é?

HOMEM - Eu ainda não estou com sono, mas tudo bem.

MULHER - Não, se tu quiseres conversar mais um pouco...

HOMEM - Não, não. Se tu estás cansada é melhor ir dormir.

MULHER - Tá bem. Mas não teria nenhum problema se tu quisesse conversar um pouco mais.

HOMEM - Não. É melhor ir dormir.

MULHER - Tá bem, como quiseres.

(Ela volta para a pia e começa a lavar as panelas. Ele a observa, vai até o pano e apanha-o. Recomeça a enxugar a louça.)

HOMEM - Estás muito cansada?

MULHER - Bastante.

HOMEM - E por que tu não deixa pra terminar isso amanhã?

MULHER - Pois é.

HOMEM - Eu te ajudo. (Larga o pano e começa a acariciá-la)

MULHER - Não. É melhor terminar tudo hoje. Assim me vejo livre.

HOMEM - Mas tu não estás cansada? (Abraça-a) Hum?

MULHER - Pois é. Então me deixa aqui um pouco.

HOMEM - (Mais sensual) Deixa pra amanhã.



MULHER - Pára, por favor.

HOMEM - Por quê?

MULHER - Por favor.

HOMEM - Vamos pra cama?

MULHER - Pára, me deixa trabalhar. (Vai em direção à mesa)

HOMEM - Deixa isso aí e vamos pra cama. (Ele bolina suas coxas)

MULHER - Pára, por favor, pára.

HOMEM - Te amo, te amo, te amo...

MULHER - Pára, por favor! Eu tô te pedindo!

HOMEM - Por quê? Tu não gostas? Hum? Não?

MULHER - Gosto. Eu gosto, mas é que agora eu não estou com vontade.

HOMEM - Mas se tu gostas, por que é que tu não tens vontade? Tu não goza?... Hein?...

MULHER - Pára. Pára. Pára, seu bosta! Será que tu não podes me ouvir? (Desvencilha-se e afasta-se)

HOMEM - Por que, hein? Se tu gostas de mim, então por que não? Tu gostas de mim? (pausa) Hein? Tu gostas de mim? (pausa) Responde, pôrra! Eu tô te perguntando!

MULHER - Gosto.

HOMEM - Hein?

MULHER - Gosto.

HOMEM - Hein? Mais alto!

MULHER - Gosto, gosto, gosto!

HOMEM - (Indo até ela, abraçando-a por trás e bolinando-a quase com violência) Então sua merda, se tu gostas de mim, por que não, hein? Por quê?

MULHER - (Tentando se desvencilhar e ficando de frente para ele) Porque eu não estou com vontade!

HOMEM - Não me interessa! Tu tem que fazer. Se tu gostas de mim, tu tem que fazer!

MULHER - Me larga, me larga! (Batendo-lhe) (O homem soltando uma bofetada)



HOMEM - Desculpa. (Pausa)(Indo até ela) Desculpa.

MULHER - Isso é violência, sabia? (pausa)(vai até a pia)

HOMEM - Desculpa.

MULHER - (Para ele) É violência!

HOMEM - (Pausa longa) Desculpa. (pausa) Desculpa. (Pausa.
Apanhando o pano de prato e indo até ela) Desculpa?

(A mulher olha o pano e lentamente recomeça a lavar as panelas. O homem recomeça a secar a louça. Entra música. Ambos estatizam. A luz vai baixando em resistência.)

- F I M -